



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**TARCÍSIO MAURO VAGO**

**(depoimento)**

**2014**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-494

**Entrevistado:** Tarcísio Mauro Vago

**Nascimento:** 05/09/1962

**Local da entrevista:** CEMEF – EEFFTO - UFMG

**Entrevistadora:** Christiane Garcia Macedo

**Data da entrevista:** 18/11/2014

**Transcrição:** Jamile Mezzomo Klanovicz

**Copidesque:** Christiane Garcia Macedo

**Pesquisa:** Christiane Garcia Macedo

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 1 hora 17 minutos e 43 segundos

**Páginas Digitadas:** 23 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulado *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Criação do Centro de Memória (CEMEF) na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Busca por materiais e doação de documentos para o acervo do CEMEF; Descarte de materiais; Nova instalação do Centro de Memória; Integração entre o Centro de Memória e a Ciência da Informação; Organização da equipe; Organização do tempo e espaço do grupo; Atividades relacionadas ao ensino; Atividades de extensão; Aporte teórico; Lugares de divulgação; e o Papel do CEMEF na sua trajetória.

Belo Horizonte, 18 de novembro de 2014. Entrevista com Tarcísio Mauro Vago a cargo da pesquisadora Christiane Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Queria que o senhor começasse contando como é que se deu a criação do Centro de Memória, aqui da UFMG<sup>1</sup>?

T.V. – Bem eu estou aqui na Escola de Educação Física, como professor desde 2002, antes eu fui durante dezessete anos professor do Centro Pedagógico da UFMG, que para usar o nome conhecido no país é uma Escola de Aplicação de Ensino Fundamental, em 1999 eu estava concluindo o meu doutorado na USP<sup>2</sup> na Faculdade de Educação, eu estava na linha de História da Educação, e isso acabou sendo conhecido pelos professores e direção daqui. Já havia naquele ano em 1999, e em anos anteriores alguns movimentos para a constituição do que eles chamam de um Memorial da Escola de Educação Física, havia até uma sala reservada no segundo andar e a bibliotecária de então, coordenava um pouco este movimento, chegou a organizar fotografias, Shirlei Maciel o nome da bibliotecária, chegou a organizar um acervo de fotografias que está conosco hoje, e trouxe alguns professores já aposentados para, por exemplo, identificar as pessoas que estavam na fotografia, o local onde elas estavam. Estou dando este exemplo, para dizer desse primeiro movimento. Muito bem! Um dia o então, diretor da Escola de Educação Física, o professor Pablo Juan Greco, passando por mim no corredor da escola, me disse “Tarcísio, está na hora de organizarmos o nosso Memorial, gostaria que você se envolvesse com isso”. Ora, eu não era nem professor efetivo da Escola de Educação Física, eu era professor do Centro Pedagógico, e estava a um mês de defender a minha tese, foi defendido no dia 06 de dezembro de 1999, na Faculdade de Educação da USP, Universidade de São Paulo, aí então eu disse a ele “Opa, me deixa concluir o meu doutorado e eu me envolvo com isso”. A partir daí, quando chegou 2000, eu voltei, defendi e voltei para a UFMG e então ele novamente me procurou “e então Tarcísio, você já defendeu a tese? Vamos organizar o Centro de Memória?”. Então eu falei que iria fazer uma proposta, e fiz um primeiro documento que você pode encontrar... Está aqui no Centro de Memória, organizado em uma bolsa, todos os documentos, inclusive, daquele período que eu produzi esse movimento de criação do

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Centro de Memória, estão aqui em uma bolsa, e também posso te enviar todos esses mesmos documentos em formato virtual. Quero te dizer também que eu cito esta experiência no meu relatório, no meu memorial, para titular do concurso que eu fiz em 2009, há também uma passagem dedicada ao Centro de Memória, caso você queira e te ajude. Então eu apresentei um documento que eu nem teria coragem de chamá-lo de rudimentar, ele era menos do que rudimentar. Dizendo que o objetivo de criar o Centro de Memória era primeiro o de preservação de documentos importantes da Escola de Educação Física da UFMG, mas também da área de Educação Física e que pudessem virtualmente depois, tornarem-se documentos importantes para estudos e pesquisas. E isso eu fiz como se fosse uma mensagem para ele, uma cartinha para ele. E ele pegou este documento levou a congregação, como se fora um *super projeto* [risos] e então, foi imediatamente aprovado, já era o início de 2001, vamos 1999, 2000 eu voltei, voltei para o meu trabalho no Centro Pedagógico, dei aulas normalmente na Escola de Aplicação e no início de 2001 retomamos isso, salvo-engano dia sete de abril de 2001, ele levou para a congregação, a congregação aprovou e então estava criado o Centro de Memória da Educação Física como chamávamos naquele momento. Nesse mesmo ano de 2001, eu fiz concurso para a Escola de Educação Física, para então me transferir do Colégio de Aplicação, o tal Centro Pedagógico para cá, e então eu passei neste concurso e vim para cá, demorou, eu só assumi mesmo em 2002, efetivamente. Mas, em 2000 e 2001, eu preciso te dizer que eu estava participando aqui na escola como professor convidado, mesmo que eu fosse lotado no Centro Pedagógico, eu fui convidado pelo Departamento de Educação Física para assumir duas disciplinas, História da Educação Física e Filosofia da Educação Física, então eu fiquei ao mesmo tempo dando aulas no CP, Centro Pedagógico e aqui na Escola de Educação Física. Isso foi a partir de 2000, logo após da minha defesa, 2000, 2001, como convidado, 2001 eu fiz o concurso e 2002 eu vim para cá e aqui fiquei exclusivamente e estou até hoje. Então foi em meio essa minha vinda para cá, assumir as disciplinas de História e Filosofia, que esse movimento de constituição do Centro de Memória se deu. E como eu fui envolvido nisso? Pelo fato de eu estar fazendo uma pesquisa de doutorado em História da Educação Física, a minha pesquisa foi sobre a inserção da então chamada ginástica nos currículos e dos grupos escolares aqui de Belo Horizonte, na reforma de ensino de 1906. Então acho que se criou essa ideia de que alguém que faz uma pesquisa em

---

<sup>2</sup> Universidade de São Paulo.

história tem alguma possibilidade de coordenar o Centro de Memória. Eu na verdade não tinha *nenhuma* [risos]. Eu não fiz absolutamente nenhum curso, nenhum tipo de movimento até então relacionado à constituição de um Centro de Memória, eu era, como sou, um professor de educação física que atuou nas escolas e que fez um doutorado na área de História da Educação. Claro que uma pessoa que faz pesquisas em história da educação desenvolve, sim, uma compreensão sobre este lugar da memória, esses *lugares de memória*, a importância dos documentos tanto para sua preservação, mas não apenas para sua preservação, como a sua condição de documento para a escrita de histórias, essa compreensão de fato eu tinha, mas se me perguntassem naquele momento, o que é um Centro de Memória e como é que se organiza um Centro de Memória, por isso é que eu disse que o meu documento era *menos* que rudimentar, eu falava nesse documento de preservação de documentos importantes da escola, os documentos dos departamentos, da direção da escola e especialmente já falava da coleção de professores, da busca de livros, objetos, enfim, tudo aquilo que os professores ou as suas famílias, no caso daqueles já falecidos, quisessem doar. Então, uma vez que já foi aprovado na congregação, e que eu vim para cá, em 2001, 2002, efetivamente o ano em que começamos mesmo foi 2002. Então, eu enviei um projeto agora já para a reitoria da UFMG pedindo bolsistas dentro de um programa específico que havia, consegui dois bolsistas, os dois primeiros bolsistas, que foram a Amanda<sup>3</sup> e o Roberto Kanitz Júnior<sup>4</sup> e nós três éramos o Centro de Memória da Educação Física, naquela sala que estava destinada. O que nós fizemos naquele primeiro momento? Saímos, tão somente orientados por isso, “os documentos são importantes, vamos atrás deles”, saímos a busca de documentos, por exemplo, fomos a biblioteca da Escola de Educação Física para ver obras importantes, obras raras que nós tínhamos e que estavam a ponto de ser descartadas, porque não havia uma política de preservação, de guarda, elas eram descartadas, havia obras em que professores escreviam nelas próprias, *desatualizado*, e aquilo ia para o lixo. Houve um dia que nós estivemos na biblioteca, por uma coincidência, Roberto, Amanda e eu, chegamos na biblioteca e havia uma caixa cheia de livros, e então, nós perguntamos o que era aquela caixa. E havia lá preciosidades! Obras como, por exemplo, o método francês *original*, em francês, a tradução feita também. Obras de Georges Hébert e outros mais, estavam por um triz para serem descartadas. Esse foi o movimento, ir em busca de livros, obras importantes na biblioteca. Outro, eu me recordava

---

<sup>3</sup> Amanda Matos Tadeu.

de alguns álbuns de fotografia que eu via na minha época de estudante, quando eu fui presidente do Diretório Acadêmico em 1981, e nas reuniões da sala da Congregação havia uma estante com vários álbuns de fotografia, eu mesmo os manuseei naquela época, “onde será que estão esses álbuns?” Fui na direção e não deram notícia, fui então no porão, abaixo da escadaria do auditório... Escadaria, das poltronas do auditório, onde você esteve. E era mesmo isso, era um porão completamente típico de um porão abandonado, em meio a computadores abandonados, mesas, móveis estragados, lá estavam alguns documentos, eu encontrei junto com a Amanda e com o Roberto, estes álbuns e aí começamos. E aí fomos tomados por um sentimento próprio de quem acaba se envolvendo com isso, “como podemos fazer isso com a nossa história?” E então reunimos documentos e aí disso, da biblioteca para o porão, e do porão para os departamentos, dos departamentos para a direção, os livros de ata ... E fomos descobrindo documentos, documentos, documentos, e havia uma outra sala que é o famoso arquivo morto, e fomos pedindo, aí pedimos autorização para a direção da escola, para reunir naquela sala que estava reservada, pelo menos os documentos dos trinta primeiros anos da escola, a escola foi criada em 1952, 1953, então que até 1983 nós tivéssemos acesso, foi usado esse acesso e começou o processo de reunião de documentos. Com que princípios? Com esse único princípio, “não podemos deixar ir para o lixo”. Eu não tinha nenhum conhecimento a respeito de arquivologia, museologia, biblioteconomia, *nada*, restauro, *nada*, eu sou um professor de Educação Física, e daí também, como naquele primeiro documento, o tal do documento rudimentar, eu tinha falado da coleção de professores, e como eu tinha sido aluno de todos os professores fundadores da escola, conhecia esses professores e sabia que alguns já haviam falecido, nós começamos um movimento de ir ao encontro desses professores, dos que estavam vivos ou de suas famílias. Um dos primeiros movimentos que nós fizemos, foi em direção à família do professor Herbert de Almeida Dutra, que havia recentemente falecido, o Herbert faleceu salvo engano em 2001, e ele tinha ajudado a Shirlei Maciel na identificação das fotografias, daquelas primeiras fotografias que eu me referi. Então eu procurei, telefonei para a dona Edweiss Dutra, a viúva do professor Herbert, e ela disse “vem aqui, tem alguma coisa aqui sim”, e fomos lá. Eu vou contar esse caso um pouco mais detalhado, porque foi o primeiro e mais emocionante naquele momento. Porque ele havia falecido recentemente e nós tínhamos essa notícia de que ele tinha muita coisa

---

<sup>4</sup> Roberto Malcher Kanitz Júnior.

guardada, e fomos. E a dona Edweiss Dutra, nos recebeu com todo carinho, e eu notava que ela estava também com esse sentimento de que, isso não pode se perder, e o professor Herbert de Almeida Dutra, tinha sido um protagonista de primeiríssima grandeza, na história da escola, foi diretor da escola em um dos anos mais difíceis entre 1962, ou 1963 até 1969. A escola *quase fechou* em 1965, e 1969 ela foi federalizada. Herbert foi um protagonista de primeira grandeza, nesse momento. E ele devia ter muito material, muitos documentos, fomos na casa, voltamos com o meu carro abarrotado, e ela me falou, “isso é o que eu vou permitir, porque é algo ligado a Educação Física” e nós trouxemos muita coisa, muita coisa, muita coisa. Esse foi o momento emocionante, nós fomos emocionados ao sair da casa deles, nossa quanta coisa, quanta coisa. Hoje a professora Meily<sup>5</sup> está fazendo como objeto do seu pós-doutorado um estudo sobre os arquivos pessoais, e justamente, o arquivo do professor Herbert de Almeida Dutra ela escolheu para fazer o estudo, para testar as suas produções a respeito dos arquivos pessoais. Mas depois do Herbert, a professora Marisa Taranto que foi minha colega, professora de Educação Física lá no Centro Pedagógico, e que era nora de uma outra *grande* professora dessa escola, a professora Nella Testa Taranto, da recreação e lazer. Eu telefonei para ela e me disse “pode vir aqui em casa buscar, está tudo aqui”, e fui lá buscar todo o material. A família do professor Odilon Barbosa<sup>6</sup>, outro grande nome dessa escola na área de recreação, e também de futsal. E um quando vai sabendo que o outro doou, vai doando. O último casal que doou foram os professores Teresinha Ribeiro Bom Fim e Ivany Bom Fim, casados, professores aqui na escola, na área de ginástica olímpica, e que em 2012 eu fui com a minha Veraneio<sup>7</sup> lá no apartamento deles buscar todo o material deles, que está aqui. Nós temos uma pessoa, filha de um outro professor aqui, aliás, foi o professor que mais me influenciou aqui na Escola de Educação Física, professor Edson Pisani<sup>8</sup>, a Cristiane Pisani se formou aqui na escola, e quando soube do Centro de Memória, veio e “aqui estão as coisas do meu pai”. Então são as, como eu chamava no começo de coleções de professores, e que hoje Meily adequadamente chama de arquivos pessoais. Então esse foi o movimento de constituição, de ir à biblioteca, ir ao porão, ir aos departamentos, ir ao arquivo morto, ir ao encontro dos professores, e aí a coisa foi tomando corpo, aquele momento inicial foi

---

<sup>5</sup> Meily Assbú Linhales.

<sup>6</sup> Odilon Ferraz Barbosa.

<sup>7</sup> Carro fora de linha produzido pela fábrica Chevrolet.

<sup>8</sup> Edson Martini Pisani.



sendo ampliado e aí isso também só foi possível, porque a partir de 2003 ou 2004, por aí, a professora Meily se envolveu com o Centro de Memória, na verdade em 2006 que ela concluiu a tese dela de doutorado. Depois em 2006 também chegou à professora Andrea Moreno, fez concurso aqui, mais tarde o professor Marcus Taborda<sup>9</sup>, também fez concurso aqui, uma professora, na época não era professora da UFMG, mas que agora é a Carolina Vimieiro<sup>10</sup>, também fez uma tese de doutorado lá no departamento de história e se envolveu com o Centro de Memória, e por isso, então com a chegada desses novos professores, claro, vamos ampliando. Aí Meily mais tarde produziu junto com a professora Maria Cristina Rosa, que então era da Federal de Ouro Preto<sup>11</sup>, agora é também nossa professora aqui, um primeiro guia de fontes, contudo aquilo que havia sido reunido, que estava aqui. Que é o que você está vendo aqui<sup>12</sup>, nessas estantes aqui, essas estantes, esses arquivos pessoas, são justamente aqueles primeiros movimentos de busca. E aí vem o segundo movimento que é, então, de organização desse acervo. Eu não tinha nenhuma competência, a professora Meily em um primeiro momento e a professora Cristina começaram a desenvolver modos de organizar esse acervo, em um primeiro momento mais baseados nos princípios da biblioteconomia do que da arquivologia, e esse movimento começou assim, e hoje houve um deslocamento, sem abandonar algo da biblioteconomia que é importante, mas hoje nós pensamos esse Centro de Memória como um arquivo. E na condição de arquivo são os princípios da arquivologia que orientam a organização do seu acervo. Nisso a Meily, após o seu doutorado envolvendo-se aqui, especialmente com esse movimento de organização do acervo, ela entra em contato com um professor da arquivologia, professor Adalson Nascimento<sup>13</sup> e então, toda a configuração do acervo, toda a sua organização passa a ser a partir dos princípios da arquivologia, e daí então são feitos os desenhos organizacionais do Centro de Memória a esse respeito até, ela poderá te dizer com mais riqueza de detalhes do que eu, eu estava me referindo mais a esse momento inicial da constituição do Centro. Dois outros movimentos importantes eu falei, o primeiro da busca de documentos aqui na escola e junto aos professores e suas famílias e falei também da vinda de novos professores para cá, ao mesmo tempo nós começamos a

---

<sup>9</sup> Marcus Aurélio Taborda de Oliveira.

<sup>10</sup> Ana Carolina Vimieiro.

<sup>11</sup> Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

<sup>12</sup> A entrevista foi realizada dentro da reserva técnica do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais (CEMEF).

<sup>13</sup> Adalson de Oliveira Nascimento.

organizar os seminários, fizemos um primeiro seminário já em 2003, porque os seminários? Porque era uma tentativa de fazer a reflexão, de pensar na reflexão sobre o que é o Centro de Memória e aí nós vamos aprendendo na experiência. O que é? Como é? Como organiza? E aí nesse primeiro seminário, por exemplo, uma das pessoas que nós convidamos foi à professora Silvana Goellner<sup>14</sup>, que vossa senhoria conhece muitíssimo bem, porque tinha toda uma experiência lá com Centro de Memória do Esporte lá na Escola de Educação Física da Federal do Rio Grande do Sul<sup>15</sup>. Veio fez uma palestra, nós trouxemos outras experiências para cá, para conhecermos, por exemplo, o Amarílio Ferreira Neto do Espírito Santo, estava no movimento de organização lá, o professor Carlos Fernando da Cunha Júnior da Federal de Juiz de Fora<sup>16</sup>, aqui na UFMG nós temos um grupo de interlocução muito forte que é o nosso... Hoje, Centro de Estudos e Pesquisas em História da Educação, então, chamava-se GEP, porque não era centro era grupo, então havia professores, como o professor Luciano Mendes de Faria Filho, a professora Cynthia Greive<sup>17</sup>, nós fomos dialogando também com esse grupo e então, organizamos os seminários. Começamos a pensar também em enviar projetos de financiamento, em 2005 foi a nossa primeira chance, quando o Ministério do Esporte lançou um edital para a rede CEDES<sup>18</sup> e dentro desse edital havia uma linha que era a de Memória, Esportes e tal, Meily, eu e o Zé Alfredo<sup>19</sup>, que é um outro professor do nosso departamento e alguns outros professores, nós apresentamos uma proposta para esse edital da rede CEDES, Meily e eu no caso, estávamos mais voltados para a questão da memória, outros professores participaram do nosso projeto em outras linhas, lazer Christiane Gomes<sup>20</sup>, por exemplo. Nós conseguimos ali nosso primeiro financiamento e desse financiamento foi que Meily organizou o edital, e no ano seguinte nós tivemos um outro edital do Ministério do Esporte, agora em parceria com o Ministério da Ciência e Tecnologia por intermédio da FINEP<sup>21</sup>, a financiadora de projetos e este foi em 2006 com um edital que também tinha uma linha de fomento aos Centro de Memórias, de preservação da memória do esporte e educação física. Mandamos esse projeto, obtivemos o financiamento de R\$ 343.000,00 (trezentos e

---

<sup>14</sup> Silvana Vilodre Goellner.

<sup>15</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>16</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora.

<sup>17</sup> Cynthia Greive Veiga.

<sup>18</sup> Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer.

<sup>19</sup> José Alfredo Oliveira Debortoli.

<sup>20</sup> Christiane Luce Gomes.

<sup>21</sup> Financiadora de Estudos e Pesquisas.

quarenta e três mil reais), e foi esse financiamento que possibilitou a construção desse prédio onde estamos nesse exato momento, aí uma outra configuração para o Centro. Então agora nós tínhamos também condição. Claro que o prédio demorou [risos] de 2006 ele só foi inaugurado em 2011. Mas, só o fato de sabermos que havia um prédio em construção, nos dava ânimo. E nesse momento em que ocorria a construção foi que esses professores todos foram chegando e a chegada deles reunindo novos membros, porque cada um deles tinham seus orientandos, todos nós estávamos vinculados ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação com nossos mestrandos, com nossos doutorandos, e então, cresceu, ganhou corpo, havia um grupo de estudos e aí então criamos as dinâmicas internas do Centro de Memória, ao mesmo tempo em que aguardávamos a construção. Começamos a disputar financiamentos no CNPq<sup>22</sup>, aqui na Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas Gerais, que é a FAPEMIG e para a nossa agradável “surpresa”, fomos ganhando esses financiamentos e enfim, assim se passaram, como agora treze anos desde o início.

C.M. – Esse projeto da FINEP quem estava? Todos os professores participaram também?

T.V. – A coordenação desse projeto foi minha e da professora Andrea Moreno, mais as professoras colaboradoras: a professora Meily Linhales e a professora Maria Cristina Rosa, e todos os estudantes que estavam envolvidos. Nós tomamos como referência para mandar este projeto, o projeto que a professora Andrea Moreno havia apresentado naquele mesmo ano, no começo do ano, ela havia passado no concurso para a Faculdade de Educação, nós tomamos o projeto dela, como uma referência para uma pesquisa que era a catalogação de documentos que contassem a história do que nós chamávamos na ocasião de Educação do Corpo em Belo Horizonte. Nós tomamos como referência este documento e a pesquisa foi orientada por este projeto e ao mesmo tempo este projeto continha também à possibilidade de construção do Centro de Memória, nós desenvolvemos esse projeto de 2006 até 2008 e a obra ficou pronta na verdade em 2011. Esse foi um projeto importante, a professora Meily obteve financiamento para um projeto na Fundação de Amparo a Pesquisa, voltado mais para justamente a organização do acervo da Escola de Educação Física e da própria constituição do Centro de Memória. E depois conseguimos mais uma aprovação de um

---

<sup>22</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

projeto na FAPEMIG para os chamados Centros de Emergência, Centros de Estudos de Emergência, estávamos emergindo, nós mandamos, ganhamos e esse também foi um projeto importante para avançar no movimento de constituição do Centro de Memória. Foram vários, de 2005 quando houve o primeiro, enviado para o Ministério do Esporte na Rede CEDES até 2011, nós ganhamos projetos um atrás do outro. Nós ficamos até enlouquecidos aqui para poder dar conta de todos eles. E foi também um feliz circunstância em que o Ministério do Esporte lançou o edital da Rede CEDES, constituiu a Rede CEDES, lançou um edital em parceria com o Ministério de Ciência e Tecnologia e da FINEP, a Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas Gerais, que nunca tinha lançado *nenhum* edital sobre memória do esporte e da Educação Física, por um trabalho *muito interessante* feito pela professora Marilita Aparecida Rodrigues, ela estava dentro da Secretaria de Estado do Esporte, e propôs à FATEMIG um edital voltado para a memória do esporte, porque ela sabia, ela estava tentando organizar um Centro de Memória dentro da Secretaria de Esportes, e ela sabia do nosso movimento aqui, sabia do movimento de Minas Gerais. Então ela foi a FATEMIG, conversou com o presidente para discutir um edital específico para fomentar esses grupos, ela mesma tinha escrito uma tese de doutorado sobre a História do Esporte em Belo Horizonte, sabia da minha, sabia da tese da professora Eustáquia<sup>23</sup>, sabia que a professora Meily tinha feito mestrado e doutorado com teses relativas também à História da Educação Física. Muito bem, ela foi lá, e ele prometeu um edital de cinquenta mil reais, e nós achamos lindo e maravilhoso, e o edital na verdade foi de quinhentos mil reais, e aí foi, vamos disputar, disputamos, ganhamos acho que oitenta mil reais. Então foi um período também muito fértil em editais, do Ministério do Esporte, da Fundação de Amparo a Pesquisa e isso nos ajudou. Eu não sei se o Ministério do Esporte, se não tivesse lançado o edital da rede CEDES, se não tivesse lançado o edital em parceria com o Ministério de Ciência e Tecnologia, se a Marilita não tivesse batalhado esse edital, se nós teríamos a mesmas condições que tivemos. A nossa sabedoria eu diria, foi não desperdiçar essas oportunidades que apareceram naquelas circunstâncias, então, foi um encontro de circunstâncias positivas, nós aqui nesse movimento, aprendendo no caminho, aprendendo na experiência, e esses editais aparecendo, vamos para eles, eu confesso para você que eu não tinha expectativa de ganhar nenhum deles, mas ganhamos um, ganhamos outro, então vamos, e pronto estamos aqui.

---

<sup>23</sup> Eustáquia Salvadora de Sousa.

C.M. – Professor, vocês tiveram outros doadores que procuraram o CEMEF, que vocês não foram atrás?

T.V. – Sim, aí começa aparecer isso, como sabem que existe um Centro de Memória na Escola de Educação Física. Um professor doou, falou com outro e começa esse burburinho. Aí começou um movimento de professores que estavam na ativa ou aposentados de virem trazer seus documentos. Por exemplo, a professora Eustáquia Salvadora de Souza, que tinha feito uma tese sobre a História do Ensino na Educação Física, que tinha feito entrevistas com professores, muitos deles já falecido hoje para realizar a sua tese, então ela pegou todos os documentos que ela organizou durante a sua tese, que estavam guardados na sua casa e disse “bem, agora há um Centro de Memória, aqui estão todos os documentos”, legislação, livros, todas as fitas, *todas as fitas*. A professora Eustáquia entregou isso. Depois o professor Emerson Silami Garcia veio aqui e doou todo o acervo que ele tinha. A família do professor Adolfo Guilherme, nós fizemos contato, mas eles vieram aqui trazer e assim vai. E mesmo de professores que nem são da UFMG, vou dar um exemplo, o professor Lino Castellani Filho, um nome nacionalmente conhecido na nossa área, quando esteve aqui, conheceu o Centro, soube do movimento do Centro, mandou para nós... Cheguei até a ficar arrepiado... Todas as fitas das suas gravações que ele usou para fazer a sua dissertação de mestrado, que virou um livro, que foi um marco importante na produção de pesquisas e de estudos sobre a História da Educação Física que é “Educação Física no Brasil: a história que não se conta”, todos estão guardados aqui. Então é um movimento que vai crescendo a ponto de nós discutirmos, e hoje temos aqui os princípios de recepção de documentos, nem tudo pode, estudantes da escola dizem “eu tenho lá em casa o meu convite de formatura”, e trazem. E aí começa esse movimento, que nós temos que tomar cuidado, porque não é tudo pode, nem tudo interessa a este Centro de Memória. Então vamos estabelecer os princípios para a recepção de acervos.

C.M. – Vocês fizeram ao longo desse tempo algum descarte de material?

T.V. – No começo deste ano, por exemplo, a biblioteca nos manda uma mensagem assim, “vamos fazer um descarte da biblioteca”, já está combinado com a biblioteca que eles não

descartam *uma folha*, sem consultar o Centro de Memória. Aí quando eu cheguei na biblioteca em janeiro e fevereiro, as caixas com os descarte já estavam todas lá, já tinham tirado da estante, nós não fomos a estante. Já estavam lá! Aí naquela circunstância o que eu fiz, “eu vou fazer uma limpa geral e vou levar no exagero e depois lá na luz dos nossos princípios nós descartamos”, trouxemos tudo para cá e agora estamos fazendo essa apuração e uma depuração para ver aquilo que de fato ficará aqui. Mas, havia caixas e mais caixas, revistas, por exemplo, internacionais que nós trouxemos algumas, outras mais específicas de uma modalidade que não tem, por exemplo, um enraizamento tão forte com o país nosso, nós não trouxemos, sim, nós estamos nesse movimento de refinar os nossos critérios para a constituição do acervo, então nesse processo houve descarte sim. E ao mesmo tempo de estabelecer, “isso nós nem recebemos!”, “Porque não?” Eu mesmo estou louco para doar todo o meu acervo lá em casa, e Meily falou assim “não, espera um pouco que nós estamos organizando aqui para ver, o que vamos fazer”, mas é preciso que o Centro tenha o seu regimento interno naquilo que diz respeito ao que é interessante, que obras, que documentos de fato, para o escopo desse Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer serão acolhidos.

C.M. – Quais as ações que vocês fizeram em conjunto com o pessoal da Ciência da Informação nesse período? E como essa área de conhecimento se integra ao CEMEF?

T.V. – Como eu havia falado em um primeiro momento, eramos nós e a nossa sensibilidade. Depois com a chegada da Meily e da Maria Cristina Rosa, um primeiro momento de organização do acervo foi com base nos princípios da biblioteconomia. Quando a Meily termina o doutorado e começa a se envolver mais fortemente com o Centro, ela começa a desenvolver estudos sobre organização de Centros de Memória e aí nós, por exemplo, fizemos uma visita ao Arquivo Público Mineiro, o APM, e pedimos ajuda, eles nos deram algumas orientações. Quando a Meily envia em nosso nome, um projeto para a Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas Gerais para a constituição do Centro de Memória, e obtem o financiamento, este projeto de pesquisa já se dá em uma aproximação com pessoas do arquivo público mineiro e especialmente com o professor Adalson Nascimento que era da Escola de Ciência da Informação da UFMG que reúne Biblioteconomia, Arquivologia, Conservação e Restauo. Bom, o Adalson é do curso de

Arquivologia, e foi uma parceria muito interessante, porque o curso estava começando também na UFMG, eles não tinham nem campo de estágio, o nosso Centro de Memória nessa parceria torna-se para o curso de Arquivologia um campo de estágio. E o Adalson fez daqui também a possibilidade de desenvolver projetos de pesquisa, de extensão, então, foi uma parceria que chegou na hora certa, no momento certo, e eu diria com toda a tranquilidade, com a pessoa certa, porque o Adalson é maravilhoso. E então, foi isso, foi um momento de virada, da organização do acervo, dos princípios da Biblioteconomia, para os princípios da Arquivologia. Isso foi feito no contato, como eu disse aqui na UFMG com o professor Adalson, da Escola de Ciências da Informação, mais especificamente do curso de Arquivologia, mas também envolveu pesquisadores do Arquivo Público Mineiro, e tivemos também nesse projeto que eu me referi nós podemos ter bolsista, aqui para a organização do Centro, isso se deu a partir de 2008, 2009, 2010. Depois eu posso te passar os nomes completos. Mas no livro<sup>24</sup> que a Meily organizou, eu falo disso e ela também conta toda a experiência com o Adalson, então alguma imprecisão aqui de anos, de datas, e de nomes você depois pode corrigir com as informações de lá.

C.M. – Em relação à equipe, como é que vocês se organizam?

T.V. – Sim.

C.M. – Como vocês se organizavam, e como que está agora?

T.V. – Então eu estava dizendo, no início eu comecei, e a primeira providência foi tentar bolsistas, isto era 2002, 2003, 2004, nesse momento a professora Meily estava fazendo o doutorado dela na Faculdade de Educação, ela defendeu em 2006. Houve um momento em que o Centro ficou também mais quietinho, porque eu assumi a coordenação do colegiado do curso de Educação Física, no momento em que o colegiado realizava a reforma do currículo, em 2004 a 2006 eu me envolvi como coordenador do colegiado, profundamente nessa reforma, e isso o Centro ficou mais quietinho por um tempo, e ele voltou a engrenar especialmente a partir de 2007, porque a partir de 2007, nós tínhamos a Meily que terminou o doutorado em dezembro de 2006, e a Andrea Moreno que havia passado no

---

<sup>24</sup> Livro “Organizando Arquivos, Produzindo Nexos”, organizado por Meily Assbú Linhales e



concurso, estava na Faculdade de Educação, mas ela é da área de Educação Física, e também a professora Maria Cristina Rosa que em primeiro momento também estava participando, então a constituição desse grupo, agora com, Meily, Andrea, Maria Cristina, eu, mais tarde a chegada do professor Marcus Taborda, primeiro como professor visitante, depois como professor efetivo. Então, o grupo foi crescendo e isso evidentemente foi condição fundamental para a constituição do Centro com novos professores, trazendo novos estudantes. Esses professores apresentando projetos de pesquisas para as agências de financiamentos, a obra em andamento e então foi fundamental, como é que nós organizamos aqui então, a partir do momento em que nós temos esse grupo de professores. O Centro de Memória também tem o seu grupo de estudos que é constituído pelos professores, e por todos e todas aquelas pessoas que estão aqui, nossos orientandos de monografia de TCC, mestrado, doutorado, pós-doutorados, bolsistas que nós obtivemos através desses projetos de financiamento, então, nós também tínhamos clareza de que o Centro só se constitui na medida em que há pesquisas em andamento, em que há estudos em andamento, nós não queríamos fazer disto aqui um depósito de livros, e de objetos, de equipamentos, nós queríamos ter esse duplo movimento, reunir, guardar, preservar, mas também pesquisar, estudar, produzir conhecimento sobre história da educação física, do esporte e do lazer e para isso era preciso sentar, ler, discutir, apresentar uns para os outros os seus estudos, as suas pesquisas e o fato de ter gente fazendo monografia, gente fazendo especialização, gente fazendo mestrado, gente fazendo doutorado, recebendo gente de fora para fazer pós-doutorado, significava que a oficina estava aí, vamos produzir, vamos fazer. Então, nós decidimos que um dia por semana era de estudos, então, toda a sexta-feira a tarde é a reunião de estudos do Centro de Memória, em um primeiro momento todo mundo lendo texto, convidando pessoas para vir falar conosco, da nossa área, de fora da nossa área, realizando aqueles seminários, você acabou de participar do oitavo Seminário do Centro de Memória, que inicialmente era anual e agora é bienal, participando de eventos importantes da área de História, e de História da Educação e de História da Educação Física, nossos lugares de circulação são: ANPED<sup>25</sup>, Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte o CONBRACE do CBCE<sup>26</sup>, Congresso de História da Educação da Sociedade Brasileira da História da Educação, o Congresso Brasileiro de História da Educação Física,

---

Adalson Nascimento, publicado em 2013 pela Editora Fino Traço.

<sup>25</sup> Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação.

<sup>26</sup> Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.



Esporte e Lazer. E então, circulando, apresentando trabalhos, e é isso que nos mantém o tempo todo, discutindo, pensando, pesquisando. Começa também um movimento de internacionalização, se eu posso chamar assim, sem pretender querer parecer chique, mas os primeiros seminários nós estávamos com convidados e convidadas do Brasil, a partir de um certo momento, também em razão dos nossos projetos, nós começamos a fazer intercâmbios com outros colegas, primeiro participando dos eventos como, o ISCHE<sup>27</sup>, o Luso Brasileiro de História da Educação<sup>28</sup>, o Ibero Americano<sup>29</sup>, agora mesmo estivemos Meily, eu e Marcus, estivemos no México, apresentando trabalho. E nisso nós conhecemos a professora Lucía Moctezuma<sup>30</sup> do México, conhecemos o professor Pablo Sharagrodsky<sup>31</sup> da Argentina, o professor Eduardo Galak que veio fazer o pós-doutorado aqui conosco, com o professor Marcus Taborda, outros de outros países, e então, os seminários começam a ter convidados internacionais, agora mesmo tinha o professor Francisco Pinheiro de Portugal, tinha a professora Angela Ainsenstein da Argentina, a professora Paola Dagliotti Moro do Uruguai. Então, a ideia era essa, as nossas dinâmicas vão em torno desse princípio, precisamos estudar, precisamos pesquisar, sem isso não há um Centro de Memória, é esse duplo movimento que eu me refiro, o movimento de cuidar, preservar, mas nós não tivemos interesse nenhum em só deixar aqui, para daqui a cem anos alguém olhar aqui, e falar “olha, essa obra é interessante”. Nós queremos pegar essa obra, colocar ali na mesa, manuseá-la, pesquisá-la, porque ela contém alguma história da Educação Física, do Esporte e do Lazer. Então, hoje o Centro de Memória é um híbrido de arquivo, biblioteca, museu, e centro de estudos, posso dizer que tem esse quarteto aqui. Ele é uma biblioteca? Sim. Ele é um arquivo? Sim. Ele é um museu? Sim. Ele é também um centro de estudos com a produção de conhecimento daqui.

C.M. – E como é o dia a dia de trabalho, a organização dos tempos e espaços aqui?

T.V. – Como eu já falei, as reuniões da sexta-feira à tarde, que esta é de estudos, apresentação de pesquisas, essa reunião a cada semana ela tem uma característica. A semana que é de estudos, escolhemos um autor, alguém nos apresenta ou todo mundo lê e

---

<sup>27</sup> International Standing Conference for the History of Education.

<sup>28</sup> Congresso Luso Brasileiro de História da Educação.

<sup>29</sup> Congresso Ibero Americano de História da Educação.

<sup>30</sup> Lucía Martinez Moctezuma.

vamos debater. A semana que é o CEMEF convida, “vamos convidar a Chris para fazer uma apresentação sobre o trabalho dela”, já tivemos aqui professor da Universidade Federal de Minas Gerais, de outras Universidades de fora do país também. Há a semana em que são notícias de projetos, então os estudantes de doutorado, por exemplo, “como é que anda o projeto de vocês?”. Há a semana em que cada grupo de pesquisa, nós temos subgrupos de pesquisa, “hoje o trabalho é lá dentro do seu grupo”. Então as dinâmicas dessas reuniões são assim, são com essas quatro ou cinco iniciativas. Outra dinâmica é o cotidiano do Centro, então, nós temos uma secretária, *finalmente*, no ano passado a Escola de Educação Física encaminhou uma servidora para ser efetiva aqui nossa. Nós estamos desde 2001, *tudo*, feito por nós, desde a busca, até a limpeza, até guarda, nós é que fomos aprendendo no caminho. Finalmente, temos *uma* pessoa, que agora está aqui nos ajudando, que era da biblioteca, e que está nós ajudando a fazer a base de dados do Centro de Memória, mas nós temos bolsistas que atuam como secretárias do Centro, que recebem o material e produzem todo o processo de higienização, desde o modo como ele chega, até o momento em que ele vai para a estante, então tem o todo um processo, tem a sala para isso. Então é uma outra dinâmica, que é o dia a dia, que é o cotidiano, e como nós temos muitos documentos... Este ano, no início do ano como eu te falei nós trouxemos muitos livros da biblioteca e estamos em processo de higienização até a disponibilização. Nós temos também o interesse de disponibilizar virtualmente, ainda não estamos com essa condição, mas é um desejo nosso, então, tem os bolsistas que no dia a dia que fazem esse trabalho também, que nos brincamos aqui, em homenagem ao Manuel de Barros<sup>32</sup> que nos deixou na semana passada, “estão escovando ossos”, lá como ele diz na poesia dele. Limpando os livros, limpando os documentos, guardando, é uma dinâmica permanente. Tem o momento que esses que passaram o dia todo limpando as traças aqui, na sexta-feira de tarde estão discutindo o que Michael de Certeau propõe para a escrita da história, e depois estão em um evento apresentando um trabalho, estão ouvindo um convidado, que estão escrevendo seus próprios artigos, ou produzindo sua monografia, ou a sua dissertação, ou a sua tese ou o seu relatório de pós-doutorado. Então em torno dessa condição de ser biblioteca, museu, arquivo e centro de pesquisa, nós nos organizamos aqui e festejamos também, nos

---

<sup>31</sup> Pablo Ariel Sharagrodsky.

<sup>32</sup> Manuel Wenceslau Leite de Barros, poeta brasileiro, morreu dia 13 de novembro de 2014, uma semana antes dessa entrevista.

encontramos de vez em quando, curtimos um pouco as nossas coisas, porque isso também nos constitui.

C.M. – Tem algumas atividades que são relacionadas ao ensino?

T.V. – Sim, a professora Meily, a professora Maria Cristina e eu, somos responsáveis pela disciplina de História da Educação Física, também pela disciplina de Filosofia da Educação Física, e essas disciplinas são beneficiadas com fato de estarmos vinculados aqui ao Centro de Memória.

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO<sup>33</sup>]

T.V. – Então as disciplinas, nós *criamos*... Importante dizer isso, no nosso departamento, que é o departamento de Educação Física ao qual pertencemos Meily, Maria Cristina e eu, nós criamos a linha de fundamentos sócio-históricos da área de Educação Física, essa linha dentro do nosso departamento é responsável pelas disciplinas de História, na licenciatura e no bacharelado, Filosofia, na licenciatura e no bacharelado, e pelas disciplinas optativas que nós também oferecemos. Somos então deste linha, e nos revezamos, esse semestre mesmo eu não estou dando aula de História da Educação Física, a Meily voltou do pós-doutorado e assumiu, para que eu pudesse assumir disciplinas do professor José Angelo, da área da Educação Física Escolar, eu também tenho vínculos lá, para que ele pudesse fazer o seu pós-doutorado na Espanha. Mas, o importante aqui é que as disciplinas de História, tanto as obrigatórias como as optativas são de nossa responsabilidade. Então não passa um ano sem que a gente ofereça disciplinas optativas, especialmente Meily e Maria Cristina, faz tempo que eu não ofereço, isso na graduação. Agora, nós somos, no caso Meily e eu, nós somos do programa de Pós-Graduação lá da Faculdade de Educação na linha de História de Educação. Lá então, nós também oferecemos disciplinas sobre História, Historiografia da Educação Física, eu já ofereci, Meily já ofereceu, semestre retrasado ela ofereceu, também uma dimensão do ensino, mas agora ao nível da pós-graduação. A professora Andrea Moreno que é da Faculdade de Educação, mas que tem vínculos aqui com o nosso Centro de Memória, também oferece disciplinas, claro, no âmbito do ensino

---

<sup>33</sup> Ajuste da bateria do gravador.

da Educação Física, especialmente na pós-graduação. Lá também está o professor Marcus Aurélio Taborda de Oliveira que era do nosso departamento, e que a dois anos transferiu-se para a Faculdade de Educação, também oferece disciplinas ao nível da pós-graduação, na graduação em Educação Física, somos nós, a professora Meily Assbu, professora Maria Cristina Rosa e eu que oferecemos as disciplinas obrigatórias e optativas. A professora Maria Cristina Rosa está em fase de credenciamento no Programa de pós-graduação em Lazer aqui na Escola de Educação Física e evidentemente vai oferecer disciplinas para a pós-graduação relacionadas à história do lazer, que é algo que interessa a ela.

C.M. – E as atividades de extensão, vocês fazem exposições, outros atendimentos?

T.V. – Agora mesmo nós estamos aqui com essa exposição, foi aberta no primeiro dia de do nosso seminário, a exposição “Adolfo Guilherme: um educador a beira da quadra”. Adolfo Guilherme foi professor dessa escola, por mais de trinta anos e é um ícone do esporte aqui em Minas Gerais e também do Brasil, então essa é a segunda exposição que fazemos aqui que ficará aberta até dia doze de dezembro. Nos Seminários 2012 nós fizemos uma exposição em homenagem ao “homo gymnasticus”, e agora ao “homo sportivus” e tomamos o professor Adolfo Guilherme como uma expressão desse “homo sportivus” que era o tema do nosso seminário. É preciso dizer uma coisa que eu pulei lá atrás, que o Centro de Memória é vinculado a Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG, nessa condição este ano nós participamos de um projeto que foi aprovado pelo CNPq, chamado Circuito das Vocações, então, nós vamos organizar a vinda de escolas públicas para o primeiro semestre de 2015, que será esse um projeto de pesquisa e extensão em que os estudantes das escolas públicas virão visitar o Centro. Nós temos também como projeto de extensão, bolsistas da pró-reitoria de extensão, porque desenvolvemos vários projetos aqui de extensão, em que os estudantes também estão aqui com as visitas, projetos de visitação, projetos de apresentação do nosso acervo, enfim, há também na dimensão da extensão. Até a esse respeito, sinceramente, eu vou pedir que você tenha mais informações com a Meily, porque é ela e o Adalson que coordenam os projetos de extensão.

C.M. – E agora sobre a produção e a divulgação, que temáticas você tem trabalhado na pesquisa?

T.V. – Euzinho?

C.M. – Sim!

T.V. – Agora não é sobre o Centro?

C.M. – Você e os seus alunos.

T.V. – Bom, eu tenho me dedicado desde o doutorado a investimentos na história escolar da Educação Física, particularmente me interessa esse movimento de produção da Educação Física, como uma disciplina escolar. No doutorado eu fiz isso para Belo Horizonte. Belo Horizonte é uma cidade planejada, foi inaugurada em 1897 e naquela ocasião em 1906 houve uma grande reforma do ensino primário, e foi essa reforma que trouxe como novidades os grupos escolares e o novo programa de ensino, e nesse programa de ensino a ginástica estava presente. Então, eu estudei essa reforma e as duas décadas seguintes a ela, como a Educação Física entrou neste novo molde escolar, que eram os grupos escolares, como entrou, com que representações, quem eram os responsáveis por essa disciplina, onde se formavam, que práticas foi possível encontrar vestígios para poder escrever sobre esse movimento que eu chamo de produção da Educação Física como disciplina escolar. A partir desse primeiro movimento que foi a tese de doutorado, eu continuei então, pesquisando sobre esse movimento de invenção da Educação Física na escola, então eu pesquisei, para além de Belo Horizonte, grupos escolares de várias cidades, tomando como fontes principais os relatórios de professores, de diretoras, de inspetores escolares, que estão guardados no arquivo público mineiro e após uma investigação no âmbito de Minas Gerais no meu pós-doutorado eu apresentei um projeto que foi realizado na Fundação Getúlio Vargas do Centro de Documentação de História Contemporânea, o CPDOC, sob a orientação da professora Ângela de Castro Gomes, sobre a inserção da ginástica no município da corte<sup>34</sup> que veio a ser também a

---

<sup>34</sup> Rio de Janeiro.

primeira capital da república. Que havia um argumento de que no Rio de Janeiro a ginástica não teria tido um enraizamento, quem defendia esse argumento, era a professora Andrea Moreno na sua tese de doutorado que a capoeira teria tido... Então eu fiz um projeto, pesquisei em cinco arquivos do Rio de Janeiro, para fazer um contraste entre a corte, a primeira capital da república e a capital planejada para ser a vitrine da modernidade, que era Belo Horizonte, então esse foi o meu projeto de pós-doutorado. Bem, em torno desses projetos, como eu sou credenciado no programa de pós-graduação em educação, os meus orientandos de mestrado e doutorado foram fazendo pesquisas, hora totalmente dentro desses projetos, hora com seus projetos próprios, mas sempre vinculados com a História da Educação Física na Escola, especialmente, na temporalidade que vai do advento da república até a primeira metade do século XX, essa é a temporalidade que eu mais tenho me dedicado. Recentemente o meu último projeto financiado pelo CNPq tem a ver com outro movimento que eu quis fazer, que era ir para uma região específica de Minas Gerais, que foi outrora riquíssima, e que é hoje considerada uma das regiões economicamente mais pobres de Minas, depois de trezentos anos de depredação, de exploração perversa, que é o Vale do Jequitinhonha. Então eu apresentei o projeto para fazer um outro contraste, eu comecei em Belo Horizonte, fui ao Rio de Janeiro, agora eu queria um contraste ainda mais radical, e ao que o Guimarães Rosa<sup>35</sup> chamava dos Sertões da Minas Gerais, ou seja, da corte da primeira capital da república, a capital planeja que foi Belo Horizonte, agora vamos lá nos sertões, com todas as representações possíveis a esse respeito, incivilizados, atrasados, ignorantes, tudo, tudo, que pudermos dizermos de pejorativo era dito a respeito deste vale. Lá também, a pergunta era: como aquela reforma de 1906 que trouxe os grupos escolares, como ela chegou? Chegou? Se chegou, como chegou, que ideias circularam? E aí eu escolhi cinco cidades para pesquisar, tendo como critério o fato dessas escolas, de essas cidades terem escolas normais. Cinco cidades por que nelas havia cinco escolas normais, ou seja, lugares de formação de professores. Porque no programa dessas escolas normais havia previsão de ginástica. Bom se as professoras estão em escolas normais, e são preparadas para dar aula de ginástica, é de se esperar que haja vestígios de ginástica nessas escolas. Livros, objetos, elas deram aula, deixaram vestígios disso? Eu preciso confessar a minha completa paixão pelo Vale do Jequitinhonha depois que eu li a obra magnífica de Guimarães Rosa, que é Grande Sertão Veredas, desde

---

<sup>35</sup> João Guimarães Rosa.

então eu desejava realizar um projeto de pesquisa lá, e o outro projeto de extensão que não é aqui o caso de falar, mas é um projeto de extensão lá de formação de professores e eu então apresentei esse projeto no CNPq. Quais são as cinco cidades? Diamantina, Serro, Araçuaí, Montes Claros e Teófilo Otoni. Para ser mais preciso na geografia, Montes Claros não está dentro do que é o chamado de Vale de Jequitinhonha, está mais no norte de Minas Gerais e Teófilo Otoni também não, está no Vale do Mucuri, mas as características são muito semelhantes e também porque eu propus uma parceria à professores e estudantes da Universidade Federal do Vale de Jequitinhonha e do Mucuri onde está Teófilo Otoni, e propus uma outra parceria com os professores da Unimontes, a Universidade Estadual de Montes Claros, daí também esse desejo de trabalhar em parceria com esses colegas, e que foi maravilhoso, e o livro está praticamente pronto, em que vamos apresentar as fontes que encontramos nessas escolas do *riquíssimo* Vale do Jequitinhonha. Agora só para falar, os meus orientandos de mestrado e doutorado, são mais de vinte, eu não vou citar aqui todos, mas eles pesquisaram a Revista do Ensino de Minas Gerais, pesquisaram a inspetoria do ensino, foi o primeiro órgão criado para organizar a Educação Física em Minas Gerais, pesquisaram grupos escolares, pesquisaram objetos importantes como, uma revista em quadrinhos distribuídas pelas escolas, que é a Revista Dedinho, e aí por diante, depois eu posso te dar a lista de todos eles para você ver, e todos eles participaram ao seu tempo aqui no Centro de Memória, hoje alguns são professores e professoras de Universidades e estão por aí.

C.M. – E qual aporte teórico você tem trabalho?

T.V. – No doutorado, eu quando fiz o doutorado de 1996 a 1999, nós estávamos aqui nos ecos da chamada virada na história da educação, da história como um todo, e autores como Michel de Certeau, Roger Chartier, os franceses, principalmente, da chamada história cultural, Jacques Le Goff, lamentavelmente faleceu ano passado, toda aquela turma, Duby<sup>36</sup>, todos aqueles autores que estavam circulando fortemente, e que a historiografia francesa era uma das maiores referências naquele momento, eu fui orientado pela professora Marta Carvalho<sup>37</sup> da USP<sup>38</sup>, Faculdade de Educação, que tinha contatos, tinha

---

<sup>36</sup> Georges Duby.

<sup>37</sup> Maria Marta Chagas de Carvalho.

<sup>38</sup> Universidade de São Paulo.



morado na França, então os meus principais autores naquele momento, foram os autores da historiografia francesa, da história cultural francesa, especialmente, Michel de Certeau e Roger Chartier. Na sequência, claro, vamos expandindo, então nos aproximando da micro-história com os italianos, também com os historiadores, se é que podemos dizer assim, ingleses, o Thompson<sup>39</sup> e também com a chegada da Andrea Moreno, por exemplo, ela me apresentou, um nome que estava explodindo, ela me apresentou Walter Benjamin<sup>40</sup> que ela tinha feito estudos interessantes, foi uma momento importante, o projeto que ela apresentou que nos aproveitamos, como eu comentei, tinha em Walter Benjamin uma das referências fundamentais, não é? Então, em torno dessa produção de uma história cultural ou de uma história social da educação, dentro da qual buscamos a história da Educação Física, isto é um princípio fundamental, pensar a história dentro da Educação Física como uma dimensão da história da educação brasileira, no meu caso.

C.M. – Sim. Bom, e onde você tem circulado a sua produção?

T.V. – A tese de doutorado foi publicada pela Editora da Universidade de São Francisco, foi publicada em 2002, três anos após a sua defesa, foi publicada na íntegra. Depois eu publiquei um livro com todos os artigos que eu já havia publicado e dois inéditos. Então eu publiquei em revistas importantes da nossa área, lá no Rio Grande do Sul a revista Movimento, a revista do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte<sup>41</sup>, a revista da Sociedade Brasileira de História da Educação, dentre outras. E então, circular artigos nessas revistas que eu reconheço como importantes, e também a circulação em eventos apresentando trabalhos, como disse esse ano, vou dar um exemplo recente, estive no México no Congresso Ibero Americano de História da Educação Sul-Americana e Latina Americana, apresentando um dos resultados do meu relatório de pós-doutorado, eu apresentei o acerto Augusto Malta<sup>42</sup>, um fotógrafo importantíssimo no Rio de Janeiro, então eu escrevi a esse respeito, vai sair no livro que está sendo produzido pela professora Lucia Moctezuma no México. Então além dos artigos, os livros e a produção, a circulação em eventos, eu reconheço como importantes eventos esses que eu já citei.

---

<sup>39</sup> Edward Palmer Thompson.

<sup>40</sup> Walter Benedix Schonflies Benjamin.

<sup>41</sup> Revista Brasileira de Ciências do Esporte.

<sup>42</sup> Augusto César Malta.



C.M. – Após a instalação do Centro de Memória vocês perceberam algum impacto nas atividades acadêmicas aqui da UFMG? Alguma diferença, os alunos valorizam o Centro, há um maior envolvimento pesquisadores com a temática?

T.V. – Nós fizemos um contraste, que no início éramos três, os dois bolsistas e eu, e hoje somos... Se colocar todo mundo aqui para uma reunião, dá mais de quarenta. E isso hoje, mas ao longe desses treze anos, eu acho que já passaram aqui mais de cem pessoas, hoje com os seus mestrados, seus doutorados, outros que foram fazer outras coisas, então há o reconhecimento deste primeiro lugar de memória, que é o Centro de Memória da Educação Física do Esporte e do Lazer, e há um interesse pela entrada para se tornar um membro do CEMEF e participar dele. Na UFMG houve o reconhecimento no momento que nós pleiteamos a entrada do nosso Centro na Rede de Museus e espaços de Ciências e da Cultura, foi aprovada imediatamente, nós recebemos uma verba anual da rede de museus que nos ajuda muitíssimo aqui. Todos os projetos que nós enviamos para as Pró-Reitorias de extensão da UFMG, de graduação, nós sempre tivemos a aprovação, isso para falar no âmbito da UFMG, nós mandamos os projetos para a FAPEMIG obtivemos aprovação, mandamos projeto para o Ministério do Esporte e obtivemos aprovação, mandamos projetos para o Ministério de Ciência e Tecnologia obtivemos aprovação, há também um reconhecimento do trabalho do Centro por essas agencias de financiamento. Aqui na escola nós estamos sempre fazendo coisas. Nós trazemos os estudantes nossos para conhecer o Centro, no primeiro período eles tem história, claro, Meily trás, eu trago, Maria Cristina trás, eles conhecem o Centro logo no seu primeiro período, e muitos deles continuam aqui. Nós estamos recebendo professores e estudantes, até de outros cursos de Educação Física de Belo Horizonte. Enfim, é uma instituição pública e nós somos bastante zelosos e ciosos com essa ideia do público, as portas estão sempre abertas, quem quiser vir aqui vem, faz pesquisa, senta, conversa se quiser entrar no grupo é só entrar, a exigência é que se você entrou, então agora, envolva-se com as dinâmicas do Centro, então, vai ter um momento de limpar um documento, vai ter o momento de sentar e fazer o estudo, participar de uma pesquisa, mas isto é constituir o Centro, e se for vir aqui só para parasitar o Centro um abraço.

C.M. – Qual o papel do CEMEF na sua trajetória?

T.V. – Metade da minha vida está aqui, profissional. Eu sou professor a trinta e um anos, eu sou completamente enlouquecido com a Educação Física na escola, eu fui professor de escola durante dezoito oito anos, fui diretor de uma escola pública, e a certa altura da minha carreira, eu entendi que eu devia também fazer um outro movimento, eu já estava muito envolvido com escola básica, eu vivia, dava aula para crianças na escola básica e eu entendi depois no meu doutorado que eu poderia fazer um outro movimento, eu me senti um pouco culpado no início, mas... “Eu vou abandonar algo que eu amo, que é dar aulas para a criançada”. Não, eu não vou abandonar, eu vou continuar escrevendo aquilo que eu acredito sobre isso e posso contribuir agora pesquisando, orientando pesquisas e foi então, que nessa experiência aberta que é a vida como diz o Thompson, o Centro de Memória aparece, como aquele convite do professor Pablo, que eu jamais podia imaginar que ia dar nisso, e então, de 2000, 2001 até agora, eu tenho me envolvido com isso, e se o tempo todo aqui eu estava falando que foi um movimento de constituição do Centro de Memória, o movimento de constituir o Centro de Memória é um movimento de me constituir, como professor, como pesquisador...

C.M. – MUITÍSSIMO OBRIGADA!

T.V. – De nada, é um prazer.

C.M. – Eu agradeço imensamente, é uma honra enorme estar aqui. Muito obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]